

História dos Hebreus – Aula Primeira

Introdução

Estudar os escritos de Flávio Josefo é se debruçar em uma obra sagrada para a História, seus escritos são um cânone para quem estuda a história do mundo, principalmente o mundo grego, romano e o hebreu. Sua vivência durante a Guerra dos Judeus o inspirou a registrar uma história apaixonada, mas presa à realidade dos fatos, o que inclusive é registrado no prefácio escrito pelo próprio autor, ocasião em que Josefo emite forte censura aos gregos que “[...]contentam-se em julgá-las (as coisas acontecidas) sem nada escrever e em censurar os que as escreveram”. Motivado por essa lacuna histórica deixada pelos gregos, Josefo decide escrever em grego sua “História dos Hebreus”, para que todo o mundo de sua época tivesse à disposição a história da civilização mais importante para o Império Romano na língua dos filósofos. Esse ousado historiador, filho de uma família nobre de fariseus, feito sacerdote e guerreiro, fluente em latim (a língua oficial do Império) e grego, conhecedor da filosofia e da História de diferentes povos, homem multifacetado em habilidades e que após ser derrotado na guerra pelos romanos do General Tito, não foi morto, mas convidado a compor o Império e auxiliar os vencedores na reorganização romana. Homem exigente, crítico e produtivo, se opôs fortemente aos romanos por se desfazerem da história hebraica e, assim, fazerem pouco caso do povo que fez frente ao maior exército do mundo, em uma guerra considerada a maior guerra até o tempo então presente, onde o povo de Israel resistiu ao Império Romano e lhe fez frente de forma tal que, por diversos momentos, Roma considerou a possibilidade de estar à beira do colapso.

“Confesso não poder compreender a imprudência deles (os historiadores), quando, para fazer passar os romanos pelos primeiros de todos os homens, rebaixam os judeus. Será uma grande glória superar inimigos pouco temíveis? Ignoram eles as forças poderosas empregadas pelos romanos nessa guerra, durante o tempo em que ela durou, e as dificuldades que suportaram? Não consideram eles que é diminuir o mérito extraordinário de seus generais minimizar a resistência que o valor dos judeus os fez experimentar, na execução de tão difícil empreendimento?”

Ainda que guerreiro derrotado, a honestidade do combatente-historiador testifica em favor da História dos Hebreus, obra tema da série de aulas que se inicia aqui¹.

A motivação do registro histórico de Flávio Josefo é peculiar, diz o autor que motivado por descrever sem distorções -- que eram comuns à época -- a história da Guerra dos Judeus, e esclarecer pontos importantes para a história da humanidade como a formação do Império Romano, as desavenças internas no exército hebreu (que na visão do autor foi a causa da derrota na guerra), os atos de Antíoco Epifânio, Nero, Céstio e outros grandes homens de seu tempo e principalmente como se deu a destruição final do Templo em Jerusalém. Para chegar até seu tempo, Josefo retorna à criação do mundo e constrói com sua narrativa o mais completo registro da história da humanidade após a Bíblia Sagrada.

¹ A série de aulas História dos Hebreus inicia-se no dia 23 de junho de 2021, na Escola de Conservadorismo. O objetivo é analisar todo o livro em questão -- a versão utilizada é a publicada pela Editora CPAD em 2020, com tradução de Vicente Pedrosa.

CAPÍTULO 1 - Da criação do mundo até sua destruição

A leitura feita por Flávio Josefo, ou melhor *Yosef ben Mattityahu* (37d.C – 100d.C), com relação ao gênesis bíblico é interessantíssima, uma vez que fornece a nós a visão não de um historiador, mas de um doutor da lei, nascido em uma família real em Israel (sua mãe descendia da família real dos Asmoneus e seu pai, Matias, era sacerdote em Israel). Yosef, filho de Matias, recebeu educação profunda tanto no conhecimento do mundo helênico quanto romano e judaico. Mestre na Torá, sua visão sobre a leitura do *Bereshis* – como é chamado o livro do Gênesis, em hebraico – nos propicia ver com os olhos israelitas a terra sem forma e vazia, o Espírito pairando sobre a escuridão, a ordenação “haja luz!” e a visão que YHWH teve após a criação da luz: a terra sem forma e vazia. Inicia-se então o trabalho do oleiro, que faz surgir a terra e a partir dela molda todo o mundo com seus minerais, plantas e animais. Separa-se o firmamento entre o superior, as nuvens protegidas pela redoma de cristal e carregadas de umidade para gerar as chuvas; a porção de terra para habitação da vida terrestre; a semeadura de todo tipo de semente no solo; o surgimento do vapor de água que subia da terra e regava o solo tornando-o fértil para a germinação; a formação dos animais; a criação do Éden e seu jardim no oriente; a criação do homem e a entrega do primeiro casal ao Paraíso, o Jardim do Éden.

Temos em toda a obra do exímio historiador observações complementares à leitura das Sagradas Escrituras do Cristianismo, como quando se lê que “Deus ordenou a Adão e Eva que comessem de todos os frutos, mas lhes proibiu de tocar no da ciência”. O fariseu vê que o primeiro casal foi ordenado de que comessem do fruto de toda árvore, não era uma permissão e sim uma ordem, e que a árvore conhecida hoje como sendo “do bem e do mal” era, na verdade, do conhecimento (ou da ciência, para utilizar o termo utilizado na obra) do bem e do mal, fruto que daria não o bem e o mal, mas a capacidade para o discernimento. Foi esse o produto imediato da desobediência: “perceberam que estava nus”.

Não farei aqui a releitura do gênesis bíblico pois nem mesmo Josefo fez essa releitura, e me coloco aqui com o mesmo espírito do historiador que polpou seus leitores de encontrar em seus escritos o que podem encontrar na Torah. Dediquemo-nos ao que a leitura do texto histórico tem a complementar nossa já tradicional leitura do Velho Testamento.

“Não é por respeito que calais, mas porque a vossa consciência vos acusa”, é essa a repreensão de Deus a Adão. O homem não estava escondido porque queria polpar o Criador da visão de um homem nu – como fez Noé e seus filhos em Gn 9:20ss –, antes por ter em si a consciência acusadora de que havia desobedecido. Expulso do Paraíso, o casal teve dois filhos e três filhas, Caim e Abel que figuram no primeiro homicídio dão ensejo a um trecho do Gênesis que nos leva ao relato da vida errante do homicida e seu posterior estabelecimento em um lugar chamado Node, onde teve vários filhos. Caim cria a propriedade da terra e constrói uma cidade à qual dá o nome de seu primogênito, Enoque. “Seria demasiado longo discorrer sobre todos os filhos de Adão. Contentar-me-ei em dizer algo de um deles, de nome Sete”. Temos aqui uma observação importante de nosso historiador tema desse longo texto que apenas se inicia: Caim teve diversos filhos após sua primeira descendência (Gn 5:3). Sendo Sete o primeiro filho de Caim a perceber a decadência moral da humanidade, toma por total importância a tarefa de registrar perpetuamente uma ciência que não se poderia perder, a informação de que o Criador destruiria a Terra com água e fogo. Decide-se então por construir duas torres, uma de tijolos e outra de pedra, onde se gravaram as importantes informações desejadas. O objetivo de construir-se duas e não apenas uma torre era de que, vindo a tempestade, ainda que forte o suficiente para destruir a torre montada (de tijolos) não destruiria a torre sólida, de pedra.

Se Jabal foi o criador da pecuária, Jubal, o inventor da música, e Tubalcaim, o primeiro artífice em metal, a Sete, Josefo credits a descoberta da astronomia, a ciência da obtenção de conhecimento por meio da leitura dos corpos celestes². O historiador anuncia no Capítulo 1 da História dos Hebreus que o pilar de pedra resistiu ao dilúvio e “pode ser vista ainda hoje, na Síria”. Nesse pilar estariam registrados os conhecimentos astronômicos obtidos por Sete, assim como a ciência passada por seu pai, Adão, de que YHWH voltaria sua mão para a destruição do homem, o que veio a acontecer em Noé.

A história desse pilar certamente deu ensejo a muitas investidas arqueológicas e pesquisas históricas, hoje sabe-se que mitos semelhantes são encontrados na cultura armênia, grega e em registros cristãos ao longo dos séculos. Sabemos também que foi a partir da descendência de Sete que deu-se início ao culto de adoração a YHWH (esse registro está em Gênesis 4:26), o que convém ao testamento do historiador com relação à construção de “dois pilares” para erigir-se monumento à palavra de Deus. É de conhecimento de todos que, no deserto, à caminho da Terra Prometida, o povo de Deus (descendência de Sete) se encontra novamente com um líder que lhes entrega dois pilares de pedra contendo as palavras de Deus (Moisés), esse mito de criação se repete em outras culturas tal qual o dilúvio e tantos outros mitos de criação³. A história dos “dois pilares” de Sete se torna ainda mais interessante pela declaração geográfica do historiador que remete à Síria o local de encontro da estrutura de pedra, o texto deixa claro que a informação não foi constatada pelos olhos do autor, antes foi uma informação obtida. Aqui temos mais uma curiosidade do caso, uma vez que no início do século I, Augusto transportou um obelisco de Alexandria para o Império Romano após a conquista do Egito e no ano de 37 d.C, Calígula o move para Roma⁴. Quando da construção da antiga basílica de São Pedro, no século IV, o obelisco passa a marcar presença no conjunto arquitetônico que viria a ser conhecido como a Praça de São Pedro. A associação deste obelisco com o pilar de Sete não passa de especulação, uma vez que não é possível refazer o caminho histórico para afirmar algo de tamanha magnitude, sendo unicamente uma curiosidade histórica e assim permanecendo até os dias de hoje. São, porém, as lacunas informativas que transformam o fato de que o obelisco está lá há dois mil anos de pé, e que sua chegada em Roma vindo de Alexandria é de conhecimento certo, em um convite ao mistério: seria o obelisco de Alexandria a obra de Sete, filho de Caim?⁵

Fernando Melo
Brasília, 23 de junho de 2021

² Há aqui uma controvérsia no estudo da história do Gênesis, onde parte da tradição judaica considera em Enoque o nascimento da astronomia. Ver J. VanderKam, em *Enoch: A Man for All Generations*. Sendo Enoque uma figura mítica na história da geração do mundo, sempre que se credita a ele uma informação, a mesma é tomada de mistério, o que é compreensível diante de uma história tão impressionante.

³ A palavra “mito” tem, no Brasil, um sentido pejorativo que remete à “mentira”. “Quando se diz que algo é um mito, é porque não é real”, essa é a visão em nossa cultura. É necessário notar que o vocábulo não tem esse significado, sendo na verdade correspondente a “relato fantástico de tradição oral; relato de seres de caráter divino ou heroico”. Um livro de grande valia para o estudo de mitos de criação é “A dança do universo” de Marcelo Gleiser (Companhia das Letras, 2006). Os mitos de criação são comuns à todas as culturas milenares e comungam de estrutura semelhante em todo o globo, dos Maias aos povos mongóis encontra-se semelhanças quando se fala sobre a origem do universo, criação do homem e fim dos tempos.

⁴ Ver imagens no material complementar desta aula.

⁵ Um documento interessante sobre o tema foi publicado no *Journal for the Study of Judaism* #32 (2001).